



ESTUDO ETNOBOTÂNICO NO ASSENTAMENTO PEDRO RAMALHO, MUNDO NOVO, MS.

KOCHANOVSKI, F. J. ¹; CITRON, A.²; LANDA, B.S.²; CASTRO, S.L.R.²

¹UEMS - fjkochan@yahoo.com.br ²UEMS/Mundo Novo

INTRODUÇÃO

Atualmente, o Estado de Mato Grosso do Sul possui mais de 230 projetos de assentamento e acampamento de trabalhadores rurais sem-terra. Apenas na região sul do Estado existem cerca de 29 assentamentos e 26 acampamentos, sendo que estes últimos aguardam desapropriação de terras para a efetivação de novos assentamentos. Em 26 de setembro de 2000, a superintendência Regional do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, com sede em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, criava o Projeto de Assentamento (P.A.) "Pedro Ramalho", antiga Fazenda Mambaré, no município de Mundo Novo, que havia sido desapropriada (INCRA, 2001).

Situado em localização privilegiada, dada a sua proximidade com o Refúgio Biológico de Maracaju (Itaipu Binacional - Brasil/Paraguai) e com o Parque Nacional de Ilha Grande, este assentamento tem como sua principal atividade econômica a agricultura. Esta permanece sendo a atividade humana que mais intimamente relaciona a sociedade com a natureza (BRASIL, 2000 a,b.). A criação de gado leiteiro também é importante fonte de renda em praticamente todo o município, e também no assentamento. Dessa forma, nas áreas dos assentamentos, tem aumentado a preocupação com o desenvolvimento de sistemas produtivos que simultaneamente, conservem os recursos naturais e produzam produtos mais saudáveis, evidenciando assim uma agricultura que interfira de modo mais sustentável com o meio ambiente.

Em 2003, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), foi convidada pelo INCRA a integrar um grupo de pesquisa interinstitucional, composto por representantes dos dois países vizinhos ao assentamento e dos órgãos acima citados, para desenvolver pesquisas sobre a conservação e preservação da biodiversidade da região em destaque e programas de Educação Ambiental junto à comunidade assentada do P.A. Pedro Ramalho.

De acordo com os dados obtidos nesses estudos, percebeu-se que a maioria dos assentados possui muitos conhecimentos sobre plantas e animais que existiam e ainda existem no local. Estes dados prévios deram origem ao presente estudo, que está sendo realizado sob a perspectiva da etnobotânica.

MATERIAL E MÉTODOS

Primeiramente foram realizadas saídas a campo para reconhecimento da área de estudo. A partir deste diagnóstico optou-se por realizar este projeto utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas, e utilizando-se simultaneamente um questionário elaborado para atender este e outros estudos desenvolvidos na região, que se denomina "Questionário de Pesquisa Etnobotânica" elaborado por Bieski (2005) adaptado pela acadêmica Leila Queiroz de Barros da UEMS, unidade universitária de Mundo Novo.

Até o momento, foram realizadas 26 entrevistas. Além das entrevistas e do preenchimento do questionário, também foram realizadas atividades de campo para coleta de dados através de observações dos elementos das plantas medicinais citadas, assim como foram coletadas as plantas que apresentassem flores ou frutos, para atendimento das técnicas de preservação e herborização das espécies coletadas. O uso de máquina digital complementa o trabalho de documentação do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o processo de colonização recente que se intensificou na década de 1960, a flora nativa foi quase extinta, restando ainda, alguns exemplares originários como o ipê rosa, a macaúba, e outros. A população deste assentamento é formada principalmente por originários da região Sul, Centro-Oeste e do país vizinho, o Paraguai. Este último faz fronteira seca com o assentamento. O conhecimento da maioria das pessoas entrevistadas

vem, em grande parte, dos seus familiares como pais, avós, tios. A televisão, cursos e a literatura representam outra fonte de aquisição de informações. Entretanto, a maior diversidade florística observada por lote como hortaliças, árvores frutíferas e ornamentais foram observadas entre os moradores originários da região sul do Brasil. Os homens, sempre tiveram atividades relacionadas ao campo como agricultura e pecuária leiteira. As mulheres entrevistadas são todas donas-de-casa. O nível de escolaridade é baixo, a maior parte dos entrevistados cursou, no máximo, até a 5ª série de ensino fundamental.

As entrevistas somaram 26, sendo 15 mulheres e 11 homens, onde as mulheres apresentaram conhecimento maior em relação a temática. A idade dos entrevistados variou entre 17 e 72 anos, sendo que o maior conhecimento concentra-se entre as pessoas de maior idade. Foram citadas 59 espécies de plantas, pertencentes a 37 famílias, onde a mais citada foi a *Asteraceae* com 7 espécies (assa peixe, camomila, carqueja, guaco, losna, macela e pronto alívio), seguido da família *Lamiaceae* com 5 (alecrim, boldo, hortelã, manjeriço e poejo), e *Rutaceae* com 4 (arruda, laranjeira, limoeiro e mexerica). As indisposições físicas mais frequentes, para as quais são utilizadas as plantas medicinais foram: problemas gastrintestinais com 26 citações (indigestão, diarreia, prisão de ventre), e para distúrbios no sistema respiratório com 19 citações (gripe, bronquite, dor de garganta). As folhas representam as partes mais utilizadas. Das 59 espécies, 40 indicações foram do uso das folhas no preparo, seguido de raiz com 8 e frutos com 6 citações. As cascas, receberam 4 indicações; semente e flor 2 cada.

Respeitou-se os conhecimentos e as práticas da comunidade que demonstram um grande conhecimento sobre as plantas de uso medicinal no local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- INCRA. Levantamento dos solos e avaliação da aptidão das terras para assentamento rural : Projeto de Assentamento Mambaré, Mundo Novo, MS, 2001.169p.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Consórcio Museu Emílio Goeldi. Agricultura Sustentável : subsídio à elaboração da Agenda 21 brasileira. Brasília-DF, IBAMA 2000.
- BIESKI, Isanete Geraldine Costa. Plantas medicinais no Sistema Único de Saúde da Região Sul de Cuiabá-MT. Lavras-MG, UFL 2005.